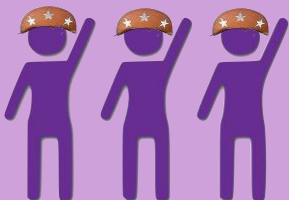




ARTIGOS



Bullying Homofóbico: À Ótica das Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar

Dominique Stefany Gomes dos SANTOS, *Universidade do Estado de Mato Grosso*

Viviane Teixeira SILVEIRA, Instituto Superior de Educación Física/Universidade de la República

Resumo: O presente artigo visa apresentar qual a atuação dos/as professores/as de Educação Física frente as práticas de bullying homofóbico em suas aulas, no Ensino Médio, em uma escola da rede estadual de Cáceres-MT. Utilizamos a abordagem qualitativa, através do método etnográfico a partir da observação participante, registrada em um diário de campo e da entrevista semiestruturada. Foi possível reconhecer diversas atitudes homofóbicas, tanto direcionadas à alunos e alunas homossexuais quanto para com aqueles/as que não o são, através de expressões que remetiam à sexualidade e ao gênero como forma de depreciação. Além disso, identificamos certo distanciamento/silenciamento das professoras frente ao bullying homofóbico, provenientes da incapacidade de lidar com o assunto. Concluímos atentando para a importância de fomentar debates sobre gênero e sexualidades nos espaços escolares e que professores e professoras busquem o conhecimento para o lidar com as violências de bullying, de gênero e homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Homofobia. Educação Física escolar. Sexualidade.



Apresentação

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que buscou compreender qual a atuação dos/as professores/as de Educação Física frente as práticas de bullying homofóbico em suas aulas, no Ensino Médio, na rede estadual de Cáceres-MT. Para isso, foi fundamental o processo de embarcar teoricamente nos conceitos de bullying e homofobia para compreender inicialmente o que seriam essas expressões e, posteriormente, os significados que carregam cada termo bem como as várias questões que os envolvem culminando nas construções de estereótipos, pré-conceitos e discriminações, sobretudo nas instituições escolares.

O bullying é definido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, praticado tanto por meninos quanto por meninas e se apresenta como um modo de constituir a violência dentro do perímetro escolar (MATTOS; JAEGER, 2015). A homofobia caracteriza-se como uma forma de discriminação, que surge a partir de manifestações de hostilidade, humilhação e/ou indiferença pautada na orientação sexual de indivíduos que se identificam como homossexuais (BORRILLO, 2010), instituindo-se como prática de discriminação e de violência que repercute nas instituições escolares.

Conforme Castro, Abramovay, Silva (2004); Abramovay (2009); Campos, Jorge, (2010) a maioria das instituições escolares brasileiras e seus profissionais encontram dificuldades no trato com o bullying relacionado à sexualidade – bullying homofóbico – visto que é uma temática que sofre mascaramentos pela sua complexidade de compreensão e enfrentamento, contribuindo para que professores/as, gestores/as e alunos/as, muitas vezes, se tornem agentes precursores da reprodução de preconceitos direta ou indiretamente. Partindo da compreensão de que este modo de lidar com as sexualidades através dos discursos heteronormativos dentro das instituições escolares, constitui-se como práticas que estão enraizadas e naturalizadas a partir de um processo histórico-cultural normalizador, no qual instauram-se poderes de forma minuciosa e processual que penaliza qualquer ação que não seja entendida e aceita como adequada para o contexto/espço que o sujeito esteja inserido. Sendo assim, Foucault (1987, p. 149) apresenta que:

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção,



negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência).

Compreendendo então a existência das relações de poder e de todo o controle que o corpo e suas ações/reações estão submetidos, o *bullying* homofóbico, torna-se uma problemática que necessita de debates e discussões, principalmente, por profissionais da área da educação, para que estes construam propostas e mecanismos para a redução ou extinção desse comportamento violento nas escolas que, muitas vezes, terminam por transcender as relações para outros espaços sociais (MATTOS; JAEGER, 2015), resultando em detrimento das relações emocionais, profissionais e sociais das vítimas a quem são direcionadas essas ações violentas.

Buscamos então, a partir das práticas e dos discursos presentes no cotidiano das aulas de Educação Física de uma escola da rede estadual, subsidiar um maior conhecimento sobre o tema, especificamente, correlacionando-o à Educação Física, campo educacional no qual são escassos os estudos referentes à temática, e cuja história é atravessada por diversas práticas e/ou manifestações corporais que são consideradas de representatividade masculina ou feminina, normatizando os corpos e produzindo discursos e práticas preconceituosas e discriminatórias.

Silva e Barreto (2012, p. 15) afirmam que a ausência de estudos que enfatizem o *bullying* homofóbico nas aulas de Educação Física, evidencia “[...] uma invisibilidade que denota o quanto se falar de violência ligada à sexualidade ainda é uma questão que representa um tabu em pleno século XXI”, e esse debate torna-se necessário na medida em que no campo educacional, frequentemente, constroem-se discursos impositivos sobre o que é tido como característico de cada gênero bem como sobre a heteronormatização dos indivíduos, principalmente na Educação Física, área em que se perpassa constantemente a corporeidade dos sujeitos e suas singularidades.

Assim sendo, tomamos um caminho metodológico que abrangesse a complexidade do *bullying* homofóbico e que pudesse responder o objetivo traçado, referindo-se às práticas pedagógicas de professoras de Educação Física em suas aulas, frente ao tema aqui retratado.



A Armada Metodológica

A presente pesquisa caracteriza-se pelos pressupostos da abordagem qualitativa (MINAYO, 2009). Utilizamos a etnografia que, segundo Molina (2010), condiz com uma investigação densa do fenômeno observado, possui caráter flexível e predispõe que o investigador desenvolva uma postura descritiva e reflexiva mediante aos fatos observados.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, a pesquisa configura-se a partir de um trabalho de campo, que conforme Minayo (2009, p.61), “[...] permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade [...]”. Para a operacionalização desse procedimento foram utilizadas como técnicas de pesquisa a observação participante, a qual todos os acontecimentos observados foram relatados no diário de campo, e a entrevista semiestruturada registrada através de um gravador, com o consentimento prévio do/a entrevistado/a (GIL, 2008).

Adotamos como objeto de estudo, uma instituição escolar da rede estadual de Ensino Médio da cidade de Cáceres-MT para a realização das observações, em 13 (treze) turmas, durante 2 (dois) meses, com uma carga horária de aproximadamente 150 horas, durante as aulas de Educação Física, tendo como perspectiva verificar como os/as professores/as lidam com a prática de *bullying* homofóbico em suas aulas, as suas ações pedagógicas e como se dá a relação professor-aluno a partir dessa ótica.

Ao que concerne às entrevistas, foram realizadas com 3 (três) alunos do gênero masculino que são assumidamente homossexuais (ALMEIDA, 2010) com o intuito de compreender suas percepções sobre o *bullying* homofóbico dentro do âmbito escolar. Foram entrevistadas ainda, as 2 (duas) professoras de Educação Física observadas, com a finalidade de investigar suas concepções acerca da temática de *bullying* homofóbico, suas ações e se há políticas de intervenção que minimizem e/ou busquem extinguir essas práticas na escola.

Desse modo, à título de privacidade foram utilizados nomes fictícios como forma de identificação dos/as sujeitos/as observados/as e entrevistados/as. As escolhas dos nomes partiram da saga de livros “Harry Potter”, onde dentre vários temas que são abordados no contexto da história, alunos/as da escola de Hogwarts são discriminados/as por outros/as alunos/as (até mesmo professores/as em algumas ocasiões) por alguma característica física, de personalidade e/ou habilidade. Sendo



assim, estabelecendo uma relação com o campo pesquisado quanto às características, expressões e acontecimentos, as personagens que aqui são evidenciadas receberam o nome de Rony, Harry e Neville, referente aos alunos à quem foram destinados comentários e situações de discriminações, como também os personagens entrevistados para essa pesquisa. Especificamente as professoras, foram nomeadas de professora Sibila e Rolanda.

As subdivisões em que o artigo está estruturado também receberam nomenclaturas consonantes à saga de livros “Harry Potter”. “O Embarque Teórico” aqui denominado, apresenta os termos – *bullying*, homofobia, gênero, sexualidades, e entre outros – suas conceituações e significações no sentido de situar-se teoricamente sobre o cerne da pesquisa, criando-se uma alusão ao embarque no Expresso de Hogwarts (locomotiva de transporte) em direção ao universo escolar que será conhecido, descoberto e vivenciado na trama; “A Armada Metodológica” a qual estrutura essa seção, refere-se ao traçar de metodologias e procedimentos para que a pesquisa se concretize, em busca do objetivo delineado, como ocorreu com a “Armada de Dumbledore”, onde os alunos praticaram poderes e feitiços por diversas semanas, criando estratégias a fim de enfrentar e, concluir a meta, de exterminar o poder das trevas, (representado por Lord Voldemort); e por fim “As Relíquias sobre as Sexualidades: Construções Histórico-Sociais” que, associa-se às Relíquias da Morte (pedra da ressurreição, a varinha das varinhas e a capa da invisibilidade), aqui são retratadas quanto às situações que foram construídas e historicamente repassadas socialmente como os discursos heteronormativos, o poder sobre os corpos e a invisibilidade para com as diferentes sexualidades, e que em ambos os contextos (tanto na história fictícia quanto na realidade social), constituem-se enquanto esferas de grandes representações e poderes sobre os sujeitos.

A análise dos dados se deu a partir da perspectiva de análise do método etnográfico que se concentrou na triangulação dos dados a partir das transcrições das entrevistas realizadas, criando-se categorias de análises, como também com base nas observações relatadas no diário de campo. Esse processo ocorre concomitante ao início da pesquisa, pois “Em lugar de relegar a análise a um período posterior à coleta dos dados, os etnógrafos analisam a informação de que dispõem ao longo de todo estudo” (GOETZ y LECOMPTE, 1988, apud MOLINA, 2010, p. 136).

Nesse sentido, a entrada no campo de pesquisa consistiu em um contato inicial com uma das coordenadoras da escola, com o intuito de expor o objetivo da pesquisa, obter a permissão para adentrar o espaço



escolar e observar as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física. Pudemos empreender um diálogo com a mesma sobre a temática, a qual foi me relatando reportagens de que tinha conhecimento, tanto televisivas quanto da internet sobre situações de preconceitos contra o público LGBT, como é difícil lidar com as questões de sexualidade e a importância do debate, visto que na escola possuem muitos/as alunos/as homossexuais que a procuram para obter orientações de como enfrentar e expor à família a sua sexualidade, como também o enfrentamento em outros espaços sociais.

Estas percepções iniciais em contato com lócus da pesquisa, contribuíram para o direcionamento da construção do trabalho tanto para o empreendimento teórico – que será tratado adiante – quanto para as perspectivas de análise no sentido de se pensar a existência dessas ocorrências nessa instituição escolar como em outras instituições no país, as dificuldades enfrentadas e as necessidades desses debates.

O Embarque Teórico

O termo *bullying* ainda não possui um significado/tradução literal na língua portuguesa. “Vem do vocábulo inglês *to bully*, que significa agredir, intimidar, atacar. Nessa perspectiva, *bullying* constitui o ato de ser um agressor, intimidador, juntamente com todas as condutas usadas por esses agressores contra outras pessoas” (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 109).

A partir desse entendimento, o *bullying* configura-se em práticas agressivas, intencionais e repetitivas de forma a inferiorizar outras pessoas que apresentam características individuais que destoam da normalidade considerada pela sociedade, podendo ser executadas através da “[...] implicância, discriminação e agressões verbais e físicas, sendo praticado tanto por meninos quanto por meninas” (MATTOS; JAEGER, 2015, p. 350)

Divergem-se os modos como são efetuadas essas agressões por ambas as partes. Conforme Calhau (2011, p. 51) “[...] os agressores utilizam mais a força física e as agressoras utilizam mais ataques morais, como, por exemplo, espalhar fofocas, inventar mentiras, colocar apelidos, arquitetar pequenos complôs para diminuir a vítima perante as colegas [...]”.

Nas relações de *bullying* existem seus personagens, representadas pela vítima, o/a agressor/a e o/a espectador/a. As vítimas



caracterizam-se como [...] frágeis, que se sentem desiguais e prejudicadas, mas dificilmente pedem ajuda. Sem esperanças de adaptação no grupo, geralmente, sentem dificuldades ou quase impossibilidade de reagir aos ataques, ou mesmo de conversar com alguém sobre o problema (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 111)”. À vista disso, recebem apelidos, são ofendidos, discriminados, perseguidos, agredidos, fazendo com que essas vítimas esquivem-se da construção de relações interpessoais por medo de novas represálias originadas de suas características individuais.

Os/as agressores/as (*bullies*), conforme Calhau (2011), são as pessoas que praticam as agressões e intimidações. E os/as espectadores/as “[...] são as testemunhas silenciosas desse fato e que sempre estão no ambiente dos agressores, mantendo alguma relação com eles e a(s) vítima(s)” (CALHAU, 2011, p.11). Geralmente, essas pessoas se omitem frente ao cenário de violência exercido através do *bullying*, por medo de serem os/as próximos/as a serem atingidos/as ou, simplesmente, pelo prazer de se satisfazerem pelo sofrimento das vítimas.

Referente à conceituação da homofobia, Borrillo (2009, p.15) afirma que “A homofobia é a atitude de hostilidade para com os homossexuais”. Isto é, se constitui como práticas discriminatórias verbais e/ou física com caráter aversivo, de rejeição ou de medo à homossexuais (homens e mulheres). Mott (2000, p. 143) afirma que a justificativa para a violência homofóbica se deve a uma longa história humana ocidental:

[...] porque o amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio, o que redundou na internalização da homofobia por parte de membros da sociedade global [...].

Dessa forma, as pessoas que reproduzem essas práticas discriminatórias provocam exclusões para si e para outras pessoas, que contribuem para a disseminação de uma concepção pautada na heteronormatividade, ou seja, regulam e normatizam modos de ser, de viver e desejos corporais que estão estruturados socialmente, partindo-se, então, de uma visão biologicista de que a heterossexualidade é a maneira correta e normal de se viver a sexualidade humana (PETRY; MEYER, 2011).

Nas instituições escolares o modelo de educação dominante é o heterossexista, ou seja, a transmissão de conhecimentos que focalizam na normalidade da heterossexualidade e nas construções para cada gênero,



feminino e masculino. A partir dessas manifestações de marginalização, que ocorre o *bullying* homofóbico nas escolas, ou seja, o *bullying* com base em orientação sexual¹ e identidade de gênero², ocasionando significativas consequências psicológicas, físicas e educacionais nos/as adolescentes e jovens alvos de tais discriminações.

Como já mencionado anteriormente, em se tratando do *bullying* na Educação Física escolar, são poucos os estudos direcionados a tal temática. Oliveira e Votre (2006, p. 173) apontam que “O fenômeno *bullying* ainda é muito pouco estudado no Brasil, e na Educação Física ainda não se encontra quase nada a respeito”, de forma a excluir o problema *bullying* como uma preocupação para os/as professores/as de Educação Física. Entretanto, “A educação física é uma disciplina que não tem sido poupada pelas manifestações de violência e as brigas geralmente começam por motivos banais, como uma discussão por causa de uma rixa desportiva [...]” (FARIA JUNIOR; FARIA, 1999 apud BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 59).

Através de discursos que se utilizam de termos pejorativos como “tente jogar como homem”, “parece uma mulherzinha”, “Maria macho”, “sapatão” etc. (ALTMANN, 2015), perpetua-se uma reprodução de estereótipos e preconceitos dentro das escolas, incentivando os/as alunos/as, direta e/ou indiretamente, ao exercício dessas práticas violentas e causando a exclusão dos/as demais estudantes homossexuais. Dessa forma, “Não é o homossexual que não gosta de praticar as atividades, mas existem uma série de fatores que o impede, o afasta das atividades” (CUNHA JÚNIOR; MELLO, 1996, p. 21), como as agressões de *bullying* homofóbico exemplificadas.

¹ Direcionamento (orientação) da atração sexual, afetiva e emocional às pessoas do gênero masculino ou feminino ou a ambos os gêneros. “Algumas pessoas se definem como heterossexuais, elegendo pessoas do gênero oposto, outras se definem como homossexuais, elegendo pessoas do mesmo sexo, e, ainda, outras se definem como bissexuais, elegendo pessoas do sexo oposto quanto do mesmo sexo” (BALIEIRO; RISK, 2014).

² Identificação da pessoa quanto ao gênero masculino ou feminino, a partir do seu sexo anatômico (biológico). As pessoas que se identificam enquanto cisgêneras conformam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. As pessoas transgêneras não se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento (BALIEIRO; RISK, 2014).



As Relíquias³ sobre a Sexualidade: Construções Histórico-Sociais

Para o entendimento e interpretação da pesquisa foram criadas categorias de análises, a partir das vivências e experiências observadas e registradas no diário de campo e das entrevistas semiestruturadas com os alunos homossexuais e as professoras de Educação Física da instituição escolar, nas quais são elas: “Expressões homofóbicas na escola”, “A representação e o domínio sobre os corpos”, “A escola como espaço (re)produtor de corpos e preconceitos” e “Dificuldades e possibilidades de enfrentamento do *bullying* homofóbico”. Estas categorias buscam evidenciar manifestações de preconceitos, mascarados ou não, e como as 2 (duas) professoras agiram e reagiram mediante a esses acontecimentos; como também a escola enquanto instituição potenciadora para formação de alunos e alunas tem contribuído (ou não) para a construção e (re)produção de determinadas condutas consideradas “corretas” na sociedade.

Expressões homofóbicas na escola

Durante o período de observações foi possível identificar diversas atitudes homofóbicas, tanto direcionadas à alunos e alunas homossexuais quanto para com aqueles/as que não o são, através de expressões que remetiam à sexualidade e ao gênero como forma de depreciação. Um caso que exemplifica tal ação foi quando uma turma realizava a prática do voleibol, quando um garoto se dirigiu a dois de seus colegas de equipe e pronunciou: “Oh, vocês dois aí, duas bichas!”, relacionando tal afirmação pelos dois terem errado o saque no jogo. Em outra turma, na qual a professora trabalhou a modalidade de basquetebol, um dos meninos não conseguia finalizar o arremesso e realizar a cesta, então um dos meninos da equipe adversária ficou zoando-o pelo seu erro. Zangado, o garoto rebateu: “O que foi que você tá zoando? Você joga igual moça, rapaz!”.

Pôde-se entender com essas expressões, que foram emitidas em situações nas quais os alunos exerciam algum erro técnico durante a prática causando descontentamento em alguns colegas de equipe, o que

³ A denominação de “Relíquia” diz respeito a uma coisa preciosa e mais ou menos antiga, à qual se dedica grande estima, sendo necessária a sua preservação, sua culturalidade e disseminação no contexto no qual esteja inserida. Sendo assim, Relíquias aqui na definição deste artigo, refere-se às construções históricas presentes na sociedade que foram sendo reproduzidas com o passar dos tempos, quanto aos discursos heteronormativos, às construções e poder sobre os corpos e à invisibilidade dos diferentes gêneros e sexualidades.



gerou comentários de teor homofóbico, assemelhando esses erros a uma característica proveniente de uma vivência da sexualidade, no caso a homossexual. Além disso, percebe-se um comentário sexista, associando a falta de habilidade do garoto à uma característica tida como “feminina”.

De acordo com a professora Rolanda, a mesma já viu em suas aulas situações em que os alunos chamam uns aos outros de “Ah, seu viadinho...”, por exemplo, mas que esses comentários não são necessariamente com alunos homossexuais, e que surgem devido às situações de jogo comparando-os às expressões de palavrões durante as aulas, não como uma forma pejorativa, mas como uma forma natural e que sai sem perceber. Contudo, Goellner (2010, p. 80) afirma que:

A linguagem é uma forma de expressar atitudes preconceituosas. Ela pode suscitar indicativos que fortalecem o preconceito no que diz respeito às questões de gênero, raça, sexo, entre outras. Deve-se evitar o uso de palavras e expressões que evidenciam esses preconceitos, pois, sempre que são mencionadas, acabam por reforçá-los.

Desta forma, manter a ideia de naturalização de atitudes que expressam preconceitos, especificamente através de xingamentos de caráter homofóbico como “Bicha”, “Viado” e entre outros, contribui para a manutenção desses comentários e da representação negativa que carregam, devendo ser evitada e, se surgindo, extinta dos discursos presentes nas aulas.

A Representação e o Domínio Sobre os Corpos

A partir de conversas realizadas com as professoras entre suas trocas de turmas ou até mesmo durante as aulas em momentos que supervisionavam as práticas dos alunos e alunas, foi possível conhecer e compreender o entendimento inicial das mesmas sobre as questões que permeiam o *bullying* homofóbico.

Diante disso, prontamente, a professora Sibila afirmou: “Ah, você não vai ver”, negando a existência de atitudes homofóbicas no espaço escolar. De certo modo, reverteu a situação abordando a questão de alunos homossexuais manterem-se distantes das outras pessoas e agirem agressivamente, “atacarem” colegas e professores. Explicou que entende que os alunos têm medo de serem rejeitados, que agem assim como uma forma de autodefesa e esperam que outras pessoas os ataquem, porém



nem todo mundo é assim, e vê como um erro os alunos pensarem dessa forma.

A professora Rolanda mencionou um aluno homossexual que compõe o time de voleibol da escola, que ele é “assumidíssimo e expansivo, até demais”. Disse que já conversou com ele sobre isso, e que tudo bem ele ser homossexual, mas para manter um comportamento dentro dos padrões aceitáveis, porque ele está na escola. As escolas – e os sujeitos que a compõem – por se tratar de um dos espaços sociais mais heteronormatizantes que existem, permite a (re)produção de ações violentas contra os/as estudantes também quando se remete a manutenção de comportamentos:

Em outros termos, alunos(as), funcionários(as) e professores(as), com destaque para os primeiros, que não correspondam ao padrão “ideal” de comportamento estimado pela sociedade, estão mais vulneráveis a sofrerem variadas modalidades de violência em sua passagem pelo espaço escolar (BALIEIRO; RISK, 2014, p. 151).

Constata-se nessas situações, uma maneira de controlar as expressões corporais desses alunos, utilizando-se do discurso de como eles devem se comportar, para que não chamem atenção, apresentando-se nessas atitudes a noção de “docilidade” que Foucault (1987, p. 118) denomina que “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

A professora Rolanda ainda se posicionou expondo que, para as pessoas hoje em dia, tudo é *bullying*. Ela acredita ser uma questão delicada em pauta, porém, talvez pelos sentimentos de falta de afeto e baixa autoestima fazem com que as pessoas caracterizem e valorizem as opiniões voltadas à elas, e tudo vira *bullying*, mas que não é bem assim: “Alguém olhou pra mim e falou que eu sou feia, é bullying. Aaaah, não! Sinceramente, eu acho que precisávamos de um psicólogo aqui dentro da escola” (Diário de campo, Professora Rolanda, 04/05/17).

A desvalorização do fenômeno *bullying* contribui para a invisibilidade dessas expressões nos espaços escolares, “nos casos em que isto acontece na relação entre discentes ou em outras relações, a regra que parece permear a atitude quanto a piadas, agressões, xingamentos ou violências físicas é manter-se distante ou em silêncio” (VENCATO, 2014, p. 49). E como pode-se observar na situação acima, esse distanciamento ou silêncio demonstraram ser provenientes da incapacidade de lidar com o assunto, transferindo a responsabilidade para outros profissionais.



A Escola Como Espaço (Re)Produtor de Corpos e Preconceitos

Como já apresentado, a escola é um dos espaços que mais constata-se atitudes de preconceitos de *bullying* e homofobia (UNESCO, 2013; MATTOS; JAEGER, 2015) e isso deve-se certamente a um contexto histórico aliado aos processos culturais e de socialização.

Foucault (1987) apresentou que a escola, como os presídios, hospitais e as instâncias militares, são regidas de forma que os corpos presentes nesses espaços possam ser construídos conforme às necessidades demandadas, isto é, “disciplinados”. Disciplinar o corpo, segundo o autor, condiz com “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1987, p. 118). Nesse sentido, as manifestações que divergem do padrão preestabelecido são vigiadas, questionadas e modificadas. No que se refere à sexualidade, como exemplo, Harry relatou uma situação que vivenciou na escola com um professor: “[...] eu tava chupando pirulito, aí ele falou que era pra mim parar de viadagem que eu tava sensualizando pro meu amigo do lado” (Harry, entrevista, 28/06/17).

Percebe-se no trecho extraído que a ação de Harry que poderia ser corriqueira de qualquer outro/a aluno/a é vigiada e, de certo modo, sexualizada porque através dos discursos do professor em questão provocaram reações diversas tanto no próprio aluno à quem foram dirigidas as ações quanto a quem assistiu a situação, ou seja, aos/ outros/as alunos/as da turma que riram do comentário pronunciado, deixando Harry sem reação e envergonhado.

Nas aulas de Educação Física, os personagens aqui evidenciados, utilizavam-se de alguns mecanismos diferentes dos/as demais alunos/as quanto à realização e permanência às práticas nas aulas:

“[...] eu jogo sempre com as meninas do que com os meninos, eu acho que os meninos é... na hora de escolher eles têm um preconceito, porque eles acham que a gente é mais fraco que eles, e que a gente não sabe jogar [...]” (Rony, entrevista, 05/07/17).

“[...] como futebol porque algumas vezes eu jogo, mas algumas vezes não, porque alguém fica falando as coisas assim, que falando que não é pra mim jogar, e se é pra mim jogar, é pra mim ir pro gol porque eu gosto de pegar nas bolas” (Neville, entrevista, 04/07/2017).



Os personagens, em alguns momentos das aulas, são coagidos para agirem de determinada maneira que “condiz” com sua sexualidade e/ou modo de ser, havendo uma certa inferiorização quanto às suas características físicas contribuindo para a reprodução de estereótipos.

Quando os alunos entrevistados foram questionados sobre a participação e o enfrentamento dos/as professores/as da instituição frente à essas práticas de preconceitos contra eles dentro da escola, afirmaram:

“Alguns [professores/as] escutam e uns respondem eles, fala alguma coisa, agem. Outros não, outros fingem que não escutam” (Neville, entrevista, 04/07/17).

“[...] os meninos falam “Ai, seu gay”, fica me discriminando... eu não conto para os professores, por quê? Porque acho que os professores, eu vi que os professores não tomam atitudes sérias” (Rony, entrevista, 05/07/17).

Constata-se com estes trechos o silenciamento e, especialmente, o negligenciamento dos/as professores/as mediante às práticas de *bullying* homofóbico que contribui, nesse sentido, para a inexistência de suas atuações mediante à essas situações.

Dificuldades e Possibilidades de Enfrentamento do *Bullying* Homofóbico

Tendo em vista a realidade pesquisada foi possível perceber a escassez de diálogos e estudos das professoras para com os/as alunos/as sobre a temática de *bullying* homofóbico nas aulas, conseqüentemente dificultando o lidar com essas práticas quando reconhecidas (ou o próprio fato de não reconhece-las), principalmente por um cenário importante e existente nas escolas brasileiras: os/as professores/as não possuem formação específica para o trabalho com gênero e sexualidade (UNESCO, 2013).

Desse modo, frente à não formação para se trabalhar a temática, as professoras entrevistadas posicionam-se em não abordá-la como conteúdo em suas aulas: “Não, eu não gosto de abordar, se eu puder evitar, eu evito o máximo que eu posso, [...] por medo de ser mal interpretada” (Professora Sibila, entrevista, 04/07/2017).



Nas reuniões pedagógicas, há debates entre a equipe gestora e os/as professores/as sobre as dificuldades e preconceitos existentes dentro da instituição escolar. No ano de 2016 houve um trabalho pedagógico sobre a questão do *bullying* na escola, voltado para os enfoques como etnias, deficiências, mas não precisamente a homofobia ou questões de gênero e sexualidade:

“[...] é lógico que a gente discute, o bullying mesmo já discuti várias vezes, né, e várias formas que o bullying se representa, né, tanto na questão racial [...], mas não exatamente o bullying homofóbico, porque sempre as reuniões pedagógicas são pautadas nisso nas demandas que tem, ou de violência, ou de evasão escolar, enfim, aí discute metodologias, estratégias pra coibir, né, então nesse ponto nunca ouve nenhuma intervenção assim propriamente” (Rolanda, entrevista, 06/07/2017).

Mesmo que não haja essas intervenções na escola pesquisada voltadas para o *bullying*, ao gênero e/ou à sexualidade, sabemos que existem documentos nacionais que orientam o trabalho com estas temáticas, principalmente na formação de professores e professoras para o fazer pedagógico no trato com as diversidades de gênero e sexuais existentes na configuração social, conseqüentemente, nas instituições escolares, como, por exemplo, o “Projeto Escola Sem Homofobia” financiado pelo Ministério da Educação e disponibilizado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas Travestis e Transexuais (ABGLT), que “visa contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro” (BRASIL, 2011, p. 9). Essa proposta surgiu do programa “Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual” que perspectiva situar gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais como cidadãos e cidadãs de direito, que merecem respeito, visibilidade e equidade em um processo de combate à violência e discriminação homofóbica (BRASIL, 2004).

Pensando-se na possibilidade de abordar gênero, sexualidade e diversidade na escola, os/as entrevistados/as então refletiram e apontaram medidas que poderiam ser realizadas pela instituição escolar



na perspectiva de diminuição dos preconceitos, especialmente no que condiz aos/às alunos/as homossexuais.

“[...] acho que era abordar mais esse assunto, né, porque querendo ou não aqui na escola não... na verdade nunca, desde o tempo que eu vim pra cá, abordaram esse tema” (Harry, entrevista, 28/06/2017).

“Eles deveriam ter, assim na hora do recreio, ou na própria aula, falar sobre mais o preconceito, sobre a homofobia, convidar alguém que já sofreu bastante pra falar que machuca bastante [...]” (Neville, entrevista, 04/07/2017).

“[...] eu acho que deveria, desde a escola assim, fazer palestras ou fazer projetos que lidam com os alunos a não ter preconceito como o racismo, como homofobia, como vários tipos de crimes, agressões verbais e coisas que podem na frente, acontecer coisas mais, que podem trazer mais riscos para os LGBT” (Rony, entrevista, 05/07/2017).

Os três alunos apresentaram possibilidades de intervenções que transcendem a sala de aula e que os profissionais do espaço escolar ofereçam subsídios para a construção de debates em torno do tema. Para além disso, discutir as várias manifestações de preconceitos, não só contra as pessoas que são homossexuais, mas contra o público LGBT no geral, como também outros tipos de discriminações que culminem em violências. Conforme Vencato (2014, p. 50), “Não se trata de investir em medidas punitivas ou criminalizadoras, mas de reconhecer que a lógica por detrás do *bullying* é a mesma que se estabelece a partir de todas as outras violências da vida social”.

As professoras declararam possíveis intenções pedagógicas no sentido de intervenções extra sala/quadra, havendo uma prioridade sobre assuntos que aconteçam com maior frequência na instituição escolar, não demandando um cuidado com as questões que permeiam especificamente o *bullying* homofóbico, dado que dentro de suas percepções, essas práticas quase não ocorrem.

Contudo, apesar do conteúdo já exposto, as professoras consideram importante trabalhar a temática de violência, *bullying* e homofobia dentro da escola e também apontaram algumas medidas que poderiam ser empregadas pela instituição escolar:



“[...] acho que a proposta de ação, então é você manter... isso os professores, todos falarem a mesma língua e manter o respeito, mas precisa também o professor ter o respeito com os alunos [...]” (Professora Sibila, entrevista, 04/07/2017).

“[...] Promover talvez um teatro, uma roda de conversa? Uma palestra? Enfim, não sei qual seria a metodologia mais adequada, mas trabalhar essas questões, né? Dentro da escola é bem importante” (Professora Rolanda, entrevista, 06/07/2017).

É de substancial importância haver esse diálogo nas escolas brasileiras, na proposição de se possibilitar novos conhecimentos acerca do *bullying* homofóbico e diminuição/extinção de quaisquer atitudes de violências, tanto originadas especificamente à gênero e sexualidade quanto à quebra de outros estigmas e estereótipos à outras diferenças.

Considerações Finais

A visibilidade e o trabalho com as questões de gêneros e sexualidades seja no âmbito escolar como em outros espaços sociais, não constitui-se quanto uma atividade de fácil realização, tendo em vista as construções históricas-culturais que estão enraizadas e são mantidas na sociedade. Problematizar a desconstrução da naturalização do que é característico para cada gênero é necessária, na medida que muitos dos preconceitos homofóbicos e casos de *bullying* que ocorrem nos diversos espaços sociais advém da busca incessante da manutenção e valorização do que é considerado correto para meninos e meninas.

Tanto o *bullying* quanto a homofobia são violências (seja através de manifestações físicas ou psicológicas) e não devem ser tratadas como meros acontecimentos ou como “brincadeiras”. Não é brincadeira se um determinado aluno deixa de ir às aulas por medo de sofrer retaliações de algum professor, como aconteceu com Harry. Não é brincadeira se outro aluno sentir-se mais confortável em praticar as aulas de Educação Física com as meninas, por exemplo, porque os meninos os excluem e é alvo de “piadas” homofóbicas.

Nesse sentido, é imprescindível fomentar essas discussões nos espaços escolares, que professores e professoras busquem o conhecimento para o lidar com as violências de *bullying*, de gênero e homofobia nas aulas como todas as pessoas envolvidas na comunidade escolar estejam dispostas a participarem de diálogos e debates sobre essas temáticas, no



intuito de refletir sobre suas práticas e ações. É nesse caminho que será possível (des)construir uma escola e, por se dizer, sociedade liberta de estereótipos e preconceitos, e que se pautem na compreensão, respeito e equidade de direitos.

Referências

ABRAMOVAY M. **Revelando tramas, descobrindo segredos:** violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana; 2009.

ALMEIDA M. **A chave do armário:** homossexualidade, casamento, família. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

ALTMANN H. **Educação Física escolar:** relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

BALIEIRO F.; RISK E. Escola e sexualidades: uma visão crítica à normalização. In: MISKOLCI R.; LEITE JÚNIOR J, organizadores. **Diferenças na Educação:** outros aprendizados. São Carlos: EdUFSCAR, 2014. p. 149-196.

BORRILLO D. **Homofobia e educação:** Um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

BORRILLO D. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOTELHO R.; SOUZA J. M. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, nº 139. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2007.

BRASIL. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia:** Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. **Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** Associação Brasileira de



Gays, Lésbicas Travestis e Transexuais. Caderno: Escola Sem Homofobia. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

CALHAU L. B. **Bullying: o que você precisa saber:** identificação, prevenção e repressão. Niterói: Impetus, 2011.

CAMPOS H.; JORGE S. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-128, mar. 2010.

CASTRO M. G.; ABRAMOVAY M.; SILVA L. **Juventudes e sexualidade.** Brasília: UNESCO; 2004.

CUNHA JÚNIOR C. F.; MELO V. A. Homossexualidade, Educação Física e esporte: primeiras aproximações. **Movimento**, ano 3, n. 5, p. 18-24, 1996.

FOUCAULT M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes; 1987.

GIL A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas; 2008.

GOELLNER S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, 2010.

MATTOS M. Z.; JAEGER A. A. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 349-361, 2015.

MINAYO M. C.; DESLANDES S. F.; GOMES R. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOLINA NETO V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas e investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO V, TRIVIÑOS N. A. organizadores. **A pesquisa qualitativa em Educação Física:** alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010.



MOTT L. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In: CORRÊA M. **Gênero & Cidadania**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/Pagu, p. 143-156, 2000.

OLIVEIRA F. F.; VOTRE S. Bullying nas aulas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, 2006.

PETRY A.; MEYER D. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 10, p. 193-198, 2011.

SILVA, J. P.; BARRETO, N. S. Violência escolar: problematizando a relação entre o bullying e a homofobia. **Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 12, p. 8-22, 2012.

UNESCO. **Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico**. Brasília: UNESCO, 2013.

VENCATO A. P. Diferenças na escola. In: MISKOLCI R.; LEITE JÚNIOR J. (Org.). **Diferenças na Educação**: outros aprendizados. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

Homophobic bullying: the optics of pedagogical practices in Physical Education

ABSTRACT: This article aims to present the Physical Education teachers' behavior regarding the practices of homophobic bullying in their classes, in Secondary School, in a school of Cáceres-MT. We used the qualitative approach, through the ethnographic method based on participant observation, recorded in field diary and semi-structured interview. It was possible to recognize several homophobic attitudes, both directed to homosexual students as well as to those who are not, through expressions that refer to sexuality and gender as a form of depreciation. In addition, we identified a certain distancing/ silencing of teachers against homophobic bullying from the inability to deal with the subject. We conclude by considering the importance of fomenting debates about gender and sexualities in school spaces and that teachers and teachers seek the knowledge to deal with bullying, gender and homophobia violence. We conclude by considering the importance of fomenting debates about gender and sexualities in school and that teachers seek the knowledge to deal with bullying, homophobia and gender violence.

KEYWORDS: Bullying. Homophobia. Physical Education. Sexuality.

Dominique Stefany Gomes dos SANTOS

*Universidade do Estado de Mato Grosso
Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Especialista em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na linha de pesquisa Educação e Diversidade.*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8305-0692>
e-mail: dominique_sgs@hotmail.com*

Viviane Teixeira SILVEIRA

*Instituto Superior de Educación Física/Universidad de la República
Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (2004),
mestre em Educação - área de concentração Educação, Cultura e Tecnologia pela
Universidade Federal do Paraná (2008). Doutorado Interdisciplinar em Ciências
Humanas - área de concentração Condição Humana na Modernidade (2013) pela
Universidade Federal de Santa Catarina/Bolsista CNPq. Doutorado sanduíche na
Université de Strasbourg, sob supervisão do prof. David Le Breton/Bolsista CAPES.
Atualmente é docente do curso de Licenciatura em Educação Física e do Programa de
Mestrado em Educação Física do Instituto Superior de Educación Física da Universidad de
la Republica/Uruguai.*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4383-7412>
e-mail: vivianeteixeirasilveira@gmail.com*

Recebido em: 31/03/2020

Aprovado em: 21/10/2021